

## A grande família e o papel da mulher no núcleo familiar brasileiro<sup>1</sup>

Aissa Lauany Santos de Almeida<sup>2</sup>  
Maria Luisa Silva dos Santos<sup>3</sup>

Universidade Estadual de Santa Cruz

### RESUMO

O resumo objetiva discorrer sobre o núcleo familiar brasileiro e sua representação na televisão através de análise da personagem Dona Nenê do seriado A Grande Família (2001-2014), tratando dos papéis de gênero na esfera familiar, função social da mulher, maternidade e trabalho doméstico.

**PALAVRAS-CHAVE:** familiar; gênero; maternidade; doméstico; mulher.

### CORPO DO TEXTO

A Grande Família (2001-2014) é um seriado *remake* da Rede Globo de Televisão que se baseia na série homônima (1972-1975) escrita por Oduvaldo Vianna Filho e Armando Costa. Classificada como uma sitcom<sup>4</sup>, a série utiliza de eventos cotidianos para fazer humor, especificamente o dia-a-dia da família Silva.

Situada na cidade do Rio de Janeiro, no bairro suburbano de Realengo, a série conta a história de uma família brasileira de classe média, cujo pai (Lineu) é funcionário público e a mãe (Dona Nenê) trabalha como dona de casa e cuida dos filhos (Maria Isabel e Artur) e do seu pai (Floriano).

Buscando inspiração no real, a série ficcional exerceu o papel inerente a produtos televisivos: o registro e acesso da existência social e política da época (BOURDIEU, 1996). Com o intuito de investigar as transformações no enredo e na protagonista da série, o enfoque do presente resumo é o desenvolvimento de Dona Nenê no decorrer do episódio intitulado “Meu Marido Me Trata Como Se Eu Fosse Uma Geladeira”.

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos de televisão e televisualidades, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024

<sup>2</sup>Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social - Rádio e TV - UESC, e-mail: [alsalmeida.cos@uesc.br](mailto:alsalmeida.cos@uesc.br)

<sup>3</sup>Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Comunicação Social - Rádio e TV - UESC, e-mail: [mlssantos.cos@uesc.br](mailto:mlssantos.cos@uesc.br)

<sup>4</sup>*Situation comedy*, que em tradução livre é comédia da situação.

**Essa família é muito unida**

Bourdieu (1996) cita as “ideias feitas” de Gustave Flaubert, que fala a respeito de ideias socialmente aceitas, comuns e que não apresentam problemas de recepção com o público, nas quais a comunicação é instantânea. A representação do núcleo familiar nas mídias comunicacionais se encaixa na compreensão de ideia feita, pois trata-se de um conceito profundamente enraizado no imaginário popular.

As bases desse pensamento estão nos valores judaico-cristãos que foram impostos pelos colonizadores europeus em toda a América Latina no processo de invasão territorial e colonização. Esses valores constituem a hierarquia familiar ocidental, que é estruturada no patriarcado. A família tradicional é composta por: pai, mãe, filho(s) e, em alguns casos, avós. No núcleo familiar, o homem — o pai — é o líder, o tomador de decisões e a quem cabe sair do ambiente familiar e desbravar o mundo lá fora com o intuito de sustentar a família; e à mulher — a mãe — cabe o papel de apaziguadora, cuidadora e mantenedora do lar.

Para além da família brasileira retratada em um núcleo branco e suburbano, existe a problemática recorrente da personagem de Dona Nenê, que se mostra insatisfeita com o seu trabalho não-remunerado como dona de casa: ela limpa, passa, cozinha e cuida dos filhos — mesmo depois de adultos — para que o seu marido possa viver sem preocupações básicas de sobrevivência como manutenção da casa e alimentação, apenas focando em sua carreira de trabalho.

**“Meu Marido Me Trata Como Se Eu Fosse Uma Geladeira”**

O primeiro episódio do *remake* foi ao ar no dia 29 de março de 2001 e, nele, a personagem Nenê, após perceber que seu marido e seu genro tem uma revista pornográfica, sente uma necessidade de também ser desejada e não ser mais tratada como apenas uma geladeira velha da sua cozinha. Nesse sentido, durante o episódio, existe quase uma simbiose entre ela e a geladeira, a ponto de, em um mesmo diálogo, um personagem acreditar que está falando sobre a Nenê, e o outro achar que se trata da velha geladeira.

A narrativa se inicia com a dona Nenê sendo dona de casa, esposa e mãe. Ela limpa a casa, precisa dizer para o seu filho que o leite está azedo porque, aparentemente, ele não sabe identificar, além de tentar ajudar na briga que sua filha está tendo com o namorado, ela flagra o seu marido com uma revista pornográfica no quarto.

Uma coisa que chama bastante atenção nesses minutos iniciais, além da dona Nenê lidando com tanta coisa ao mesmo tempo, é a misoginia escancarada, que não se evidencia apenas com a revista, ou a perspectiva em que a mulher só existe enquanto um ser que está ali para servir ao homem — como dona de casa ou objeto sexual — mas também nas palavras do Agostinho quando diz à dona Nenê sobre a Bebel “A senhora me desculpe, eu deveria arrancar um dente dela. Não faço isso porque eu respeito a senhora”.

Após a abertura, a primeira cena é a da Nenê passando batom e se olhando no espelho na tentativa de ser desejada. Na sequência, há um diálogo muito emblemático na mesa da cozinha:

**Bebel:** "Não entendo porque é que homem gosta tanto de olhar essas coisas"

**Agostinho:** "Por causa do mercado de consumo. Hoje em dia, se usa sexo pra vender tudo. Então, o homem é vítima dessa exploração do sexo. Eu mesmo, não sei porque que eu comprei essa revista"

**Bebel:** "Agostinhooo, menos! Não piora as coisas, ta?"

**Nenê:** "Queria ver uma mulher dessas lavando uma frigideira cheia de gordura"

**Bebel:** "Ah, Magina! É impossível lavar louça com um peito desses. Ia espalhar água pra todo lado."

**Tuco:** "Oh gente! Essas mulher lavam louça? Essas mulher se cuidam gente. Uma mulher dessa se fica na beira de um tanque lavando roupa, quando chegar nos quarenta, já tá um bagulho."

**Agostinho:** "Quem é que vai querer ver uma mulher de quarenta anos pelada? Só um maluco, tarado, desesperado, que fica vendo velha pelada"

**Nenê:** "E cê acha o quê!? Que uma mulher de quarenta anos não pode posar pelada pra uma revista dessas?"

Gail Dines, em “Crescendo em uma cultura pornificada”, fala sobre um processo que ocorre com jovens garotas quando estão desenvolvendo sua identidade sexual. Nesse momento, elas percebem que possuem duas opções: ser “comível” ou “invisível”. Sendo assim, fica claro que só podem existir dois tipos de mulher: a que cuida da casa e a que dá prazer, ambas servindo às vontades e desejos masculinos.

No diálogo em questão, as falas dos homens sentados à mesa, deixam claro que a mulher que é dona de casa não pode, em hipótese alguma, ser a mulher desejada. Ou você é uma, ou você é outra, as duas não dá. E é nesse momento que Nenê percebe o quão é invisível. Ela não tem identidade a não ser como esposa e mãe. E, nas suas

próprias palavras: “Eu tô há tanto tempo dentro desta cozinha que as pessoas dessa casa já me tratam como se eu fosse a geladeira velha. {...} Ninguém chuta a geladeira porque todo mundo precisa dela né? Mas também, ninguém ama a geladeira.”

Outro ponto marcante do episódio é o presente que seu marido lhe compra, após perceber que ela está chateada: uma geladeira. Betty Friedan, em *A Mística Feminina*, ao dissertar sobre a identidade e o status social da mulher afirma que:

O trabalho da mulher - o trabalho doméstico - não lhe dá status; é um dos trabalhos com menos status na sociedade. Uma mulher precisa adquirir seu status no trabalho do marido. O próprio marido, e até mesmo as crianças, se tornam símbolos de status, pois quando uma mulher se define como esposa dona de casa, a casa e as coisas dentro dela são, de certo modo, sua identidade; ela precisa desses ornamentos externos para suportar seu vazio de si mesma, para fazer com que se sinta alguém. (Friedan, 2020, p.336)

Nesse sentido, Nenê não cuida da sua família e da sua casa apenas porque foi o papel que lhe ensinaram a realizar, ou porque gosta e sente prazer nessas atividades, mas porque a sua identidade está diretamente vinculada à tudo o que está presente ao ambiente doméstico — tanto as pessoas que estão sob seus cuidados, quanto os objetos que compõem o seu lar. Sua identidade é pautada no cuidado, quem ela é sem as pessoas que cuida?

A atitude do Lineu de lhe presentear com uma geladeira evidencia que, não apenas a dona de casa compreende que seu valor se relaciona com estes aparelhos domésticos, mas também a sua família e a própria sociedade. É por isso que é tão comum, na realidade brasileira, presentear as mulheres, especialmente as mães e donas de casa, com liquidificador, fogão, cafeteira e geladeira.

O ato de presentear com eletrodomésticos no dia das mães é resultado das representações sociais publicitárias, que são elaboradas a partir de uma ideia feita ou realidade comum a determinadas culturas e grupos sociais. Segundo Villas Bôas (2004), as funções das representações sociais são: saber, que busca explicar a realidade; identitária e de orientação, que guia atitudes a serem tomadas. No caso das propagandas de dia das mães, estas possuem o objetivo de relacionar-se com o público-alvo e reafirmar a domesticidade da mulher, mãe de família e dona de casa.

Após a compra da nova geladeira, a personagem continua tentando, a todo custo, ser objeto de desejo do seu marido. Ela quer que o marido a ache linda, atraente e, para isso, tenta utilizar de todas as instruções possíveis que a feminilidade lhe dá. Mas o desespero é tão grande, que a Nenê é vista como uma chacota, tanto pelos

personagens do seriado, quanto pela família brasileira que assiste ao seu espelho no sofá da casa.

Ademais, em um diálogo que ela tem com a sua filha, Nenê escuta de Bebel que: “Mulher pra ficar bonita tem que fazer sacrifícios”. A dor e o sacrifício são dois elementos claros da experiência feminina, e eles ensinam uma lição importante: nenhum preço é tão alto, nenhum processo é tão repulsivo, nenhuma operação é tão dolorosa para as mulheres que querem ser belas. (Dworkin, 1974). A tolerância da dor e a romantização desse processo serve para preparar as mulheres para uma vida de renúncia de si mesma e contentamento do marido.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O seriado “A Grande Família” serve como panorama para uma análise dos relacionamentos da família tradicional brasileira e, a partir do ponto de vista de Dona Nenê, também pode ser objeto de estudo a perspectiva da mulher dentro desse núcleo familiar e as questões que a atravessam, como a maternidade compulsória, as atividades domésticas e a feminilidade.

A partir dos estudos de Bourdieu (1996), denotamos que a personagem possui características de uma mulher que sempre se coloca no papel de submissão, resolução de conflitos e numa posição de servir ao seu marido e filhos. Devido ao caráter cômico do produto audiovisual, as inquietações e conflitos internos de Nenê são levados “na graça” pelos familiares e pelos telespectadores do programa, sendo apresentada uma solução para eles no final de cada episódio, que gira ao redor de: achar satisfação, pertencimento e senso de identidade no seu trabalho doméstico, na maternidade e no matrimônio.

Apesar de “A Grande Família” se tratar de um programa humorístico ficcional, muitas situações vividas pela família Silva e pela Dona Nenê são passíveis de acontecer na realidade, afinal o termo sitcom é pautado em situações cômicas cotidianas. Isto significa que “A Grande Família” carrega semelhanças gritantes com a realidade das famílias brasileiras, em especial com a vivência das mulheres, das mães e donas de casa, que se identificam com os conflitos identitários de Dona Nenê.

### **REFERÊNCIAS**

BORDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão**. tradução Maria Lúcia Machado. Jorge Zahar Editor Ltda, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helene Kühner. 13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

**CRESCENDO em uma cultura pornificada** | Gail Dines | TEDxNavesink. [S. l.]: TEDxTalks,

DWORKIN, Andrea. **Woman hating**. New York: Dutton, 1974.

FRIEDAN, Betty. **A mística feminina**; tradução Carla Bitelli, Flávia Yacubian; revisão de tradução de Bhuvi Libanio; Marina Vargas - 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

THOMPSON, John Brookshire. **A Mídia e a Modernidade** - uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 2012.

VILLAS BÔAS, Lúcia P. **Teoria das representações sociais e o conceito de emoção**: diálogos possíveis entre Serge Moscovici e Humberto Maturana. Revista Psicologia da educação; São Paulo; no 19; p.143-166; dez. 2004.